

## ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO NO SÍTIO GUARANI DA ILHA CHICO MANOEL (POA-RS)

Diogo Menezes Costa

A pesquisa arqueológica sobre a pré-história do Município de Porto Alegre esteve sempre inserida dentro de pesquisas mais amplas sobre a ocupação humana no sul do Brasil. Assim, nas décadas de 1960, 1970 e 1980 foram realizadas pequenas coletas, prospecções e escavações no município com objetivos e problemáticas distintas e particulares.

As primeiras pesquisas sistemáticas sobre ocupações pré-históricas na região de Porto Alegre tiveram início em 1993 com os trabalhos realizados pelo Museu Joaquim José Felizardo, órgão da Secretaria Municipal de Cultura – Prefeitura Municipal de Porto Alegre. O projeto “*Levantamento de sítios arqueológicos de ocupação indígena no município de Porto Alegre*”, realizado por pesquisadores vinculados ao MJJF<sup>1</sup>, teve como principal objetivo a identificação e análise de assentamentos pré-históricos no município. Esta pesquisa foi um importante início para o conhecimento sobre o passado pré-histórico da cidade.

Neste trabalho foi aplicada a proposta metodológica de multi-estágios que através de cartas topográficas, fotografias aéreas e vistorias de locais selecionados, propiciaram um reconhecimento geral da área do município em relação à ocupação indígena pretérita. Depois de selecionadas, as áreas com maiores indicadores de prováveis assentamentos, foram sistematicamente exploradas através de caminhamentos, sondagens e pequenas escavações. Os trabalhos de campo resultaram na identificação de dois sítios arqueológicos pré-históricos (RS-JA-01 e RS-JA-02) no bairro Lami, localizados sobre um cordão de dunas próximas ao lago Guaíba. Infelizmente, as pesquisas foram parcialmente interrompidas diante das intervenções de diferentes naturezas, pelo poder público, em sítios históricos urbanos o que acarretou um deslocamento de primazia e pessoal para tais atividades (Tocchetto & Cappelletti:1996)

As pesquisas pré-históricas no município foram retomadas no ano de 1998, com o projeto intitulado “*Os assentamentos Guarani Pré-históricos no município de Porto Alegre*” coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Gaulier (2000). Primeiramente, foram retomadas as pesquisas de levantamento dos sítios pré-históricos na região, tendo por objetivo a identificação e seleção de uma ocupação Guarani para uma investigação mais detalhada.

As pesquisas de levantamento foram concentradas na região sul do município, por possuir,

---

<sup>1</sup>Fernanda B. Tocchetto, João Felipe G. da Costa, Katya Vietta, Karla J. Marques, André Luís R. Soares e pelos bolsistas: Francisco S. Noelli e Fabíola Andréa Silva

esta área, uma menor expansão da malha urbana e a maior quantidade de indícios oportunistas e probabilísticos sobre assentamentos pré-históricos. As pesquisas resultaram na identificação de dois sítios de ocupação Guarani na região: um na Ponta do Arado (RS-JA-16) bairro Belém Novo, outro no bairro Ponta Grossa, além de um terceiro na Ilha Francisco Manoel (RS-C-71). Com os objetivos completados na primeira fase, foi eleito o sítio RS-C-71, como elemento de maior valor significativo para as pesquisas sobre a ocupação pré-histórica Guarani no município.

A Ilha lacustre Francisco Manoel encontra-se a aproximadamente 35 km do centro, na zona sul da capital. O sítio RS-C-71 fica no interior da ilha em um pomar localizado a menos de 50m do trapiche principal, ocupando uma área de 300m<sup>2</sup>, da beira do lago até o início de uma elevação. As pesquisas realizadas no sítio RS-C-71 ocorreram em três momentos, primeiramente no ano 1970 com o arqueólogo Mentz Ribeiro, seguido de duas intervenções da arqueóloga Patricia Gaulier nos anos de 1999 e 2000.

Os trabalhos efetuados em 1970, na Ilha Francisco Manoel, foram marcados por uma coleta superficial assistemática de material cerâmico e lítico, e a abertura de um poço teste. Os resultados foram o registro do sítio junto ao IPHAN e a guarda do material no Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul.

A primeira fase das pesquisas retomadas em 1999 foi marcada por uma coleta superficial sistemática na área do sítio, seguida da abertura de um poço teste posteriormente expandido em quatro quadriculas. Os resultados desta primeira intervenção evidenciaram uma ocupação prolongada do sítio e qualidade de preservação dos vestígios. A segunda fase dos trabalhos ocorreu no ano de 2000, quando foram abertas três trincheiras e a escavação de duas áreas de concentração de material e a abertura de um terceiro poço teste. Os resultados desta segunda fase das pesquisas foram muito significativos, com a localização de uma fogueira, grande quantidade de material cerâmico e lítico e a identificação dos depósitos.

Portanto, o objeto de pesquisa deste projeto é o estudo da estruturação do espaço de ocupação de um assentamento Guarani, tendo como exemplo o sítio RS-C-71, Ilha Francisco Manoel. Pretende-se, através da análise e interpretação da distribuição de diversas categorias materiais como indústrias líticas, indústrias cerâmicas, restos faunísticos e estruturas na área escavada do sítio, o entendimento de como se compunha o espaço ocupado por uma aldeia pré-histórica na área. O projeto caracteriza-se, desta maneira, pelo estudo de áreas de atividades, inferidas através da relação quantitativa e qualitativa dos dados coletados, apoiados em referenciais teórico-metodológicos da Arqueologia Espacial. Assim, pretende-se em médio prazo, conhecer a dinâmica espacial de uma ocupação Guarani pré-histórica em uma ilha lacustre na zona sul de Porto Alegre.

A análise do espaço ocorrerá tanto através do estudo da cultura material exumada, que compreende “todos os indícios da presença ou atividade humana em determinado local, podendo ser *diretos* como a cerâmica, pedra, carvão, conchas, ossos e restos vegetais; ou *indiretos* como as marcas de poste ou a existência de pilões ou mós que indicam a utilização de vegetais para serem triturados”, como também através das estruturas encontradas, entendidas como “um conjunto significativo de vestígios ... que se explicam um pelo outro, numa totalidade inteligível”. (Prous,1992) Com isso, este trabalho pretende, como coloca Leroi-Gourhan (1981), ser uma “... pesquisa das estruturas que deve predominar sobre a da estratigrafia”.

A pesquisa espacial de uma ocupação pré-histórica Guarani, através da leitura das estruturas remanescentes no sítio é, portanto, a proposta deste projeto de pesquisa. As relações possíveis, suas interpretações, os esclarecimentos que podem advir desta investigação e a tentativa de complementar o conhecimento a respeito da pré-história, é o que motiva o pesquisador. Tendo ainda um caráter de ensaio, este projeto é um início de estudo sobre a estruturação do espaço Guarani no sítio RS-C-71.

## REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Ao se postular a necessidade de uma pesquisa sobre um tema por tantas vezes abordado, também se faz necessária uma opção teórico-metodológica a ser seguida. Assim, partimos de alguns conceitos teóricos-metodológicos da Arqueologia Contextual e da Arqueologia Espacial, e métodos de análise de materiais em laboratório, para orientar este projeto científico.

A Arqueologia Contextual Ian Hodder (1994), insere-se neste âmbito como uma ferramenta adequada para a interpretação dos dados adquiridos com a pesquisa. Como referencial vamos buscar na Arqueologia Contextual uma forma de análise da cultura material para a possibilidade de interpretação dos seus significados, que podem ser desde processos econômicos e sociais até os códigos simbólicos contidos nas estruturas.

A análise contextual é marcada pela interpretação da complementaridade entre semelhanças e diferenças da cultura material e do meio. A primeira semelhança e diferença são a *temporal*, onde a proximidade temporal entre os objetos resulta em atributos significativos entre eles, mas estes atributos podem ser buscados em outros contextos espaciais. O segundo tipo é o *espacial*, e trata da identificação dos significados da cultura material através da sua disposição no sítio, ou que possuam relações espaciais semelhantes. Estes dois processos de semelhanças e diferenças *temporal* e *espacial* podem ser combinados em uma mesma unidade, formando um terceiro tipo chamado de *unidade de deposição*. Outro elemento a ser levado em consideração na busca da

complementaridade das diferenças e semelhanças, é a dimensão *tipológica*, fundamental na definição de contextos temporais e espaciais.

As quatro dimensões apresentadas por Hodder (op.cit.), definem os significados contextuais, que por sua vez, podem ser divididos em dois tipos. O primeiro significado contextual é referente ao meio físico e o comportamento presente na “ação”; a compreensão dos objetos só é possível se houver um relacionamento de forma seqüencial deste com o “todo” mais amplo. Um segundo tipo de significado contextual refere-se a cultura material como analogia de um texto, pois os objetos não são mudos, e situam-se no espaço e no tempo e em relação com outros objetos arqueológicos. Assim, esta rede de relações pode ser “lida” ou interpretada mediante uma análise consciente que considere a natureza dual da cultura material, como objeto tecnológico funcional e como signo.

A Arqueologia Contextual pode ser definida como um estudo da totalidade do meio relevante, onde o relevante refere-se a uma relação múltipla do objeto com o meio em que está inserido, sendo o estudo desta “teia de relações” necessário para discernir os significados do objeto.

Quanto à metodologia a ser empregada neste projeto de pesquisa, procuramos uma orientação adequada para identificação das estruturas encontradas no sítio. Pois, segundo David Clarke (1977) a Arqueologia Espacial é a recuperação das informações do espaço arqueológico relacionadas ao estudo das áreas conseqüentes, formadas pelas atividades humanas. Estas áreas são compreendidas pelos espaços entre as distintas estruturas e suas articulações, compreendendo a totalidade do sítio e seu entorno. O estudo da circulação e integração das atividades compreendidas entre estruturas, espaços e locais de recursos é sintetizado em: micro, semimicro ou macro níveis. A Arqueologia Espacial trata então, das atividades humanas que ocorrem nesses vários níveis, dos seus vestígios, seus artefatos correspondentes, das infra-estruturas físicas que lhes acomodam e do seu entorno, como também, da interação entre todos estes aspectos. O objeto de estudo da Arqueologia Espacial parte de um conjunto de elementos e inter-relações que estão presentes na formação do sítio arqueológico.

Os principais elementos envolvidos são: os materiais brutos, artefatos, estruturas, espaços, áreas de recursos e as pessoas que os constituíram. Ainda conforme Clarke (op.cit.), as áreas selecionadas para o estudo não são definidas somente por agrupamentos de materiais, mas incluem cemitérios, abrigos, pedreiras, centros de extração, etc., ou seja, realmente qualquer área de atividade humana. Desta forma, a análise das estruturas espaciais e de seus elementos identificados no espaço, é um meio com o qual, podemos reconstituir uma resposta para a complexidade dos exemplos de distribuição no sítio, atribuindo valores e observando tendências quanto aos depósitos quantitativos e qualitativos, padrão de associação, correlação e localização estrutural, ou dispersão

geométrica dos materiais.

A análise espacial é definida por Clarke (op.cit.) em três níveis de abordagens: micro, semimicro e macro, indicando que em cada nível proveria um tipo de informação diferente e complementar. O nível micro corresponderia às estruturas interiores dos sítios relacionadas às atividades humanas ou suas conseqüências como: casas, sepultamentos, abrigos, etc., onde fatores individuais e culturais seriam mais relevantes que os fatores econômicos. No nível semimicro, composto pelo conjunto das estruturas no interior do sítio e de suas relações com os arredores imediatos e áreas de atividades, estariam localizados os espaços comunais, como: cemitérios, centros cerimoniais, aldeias, etc. onde os fatores sociais e culturais estariam evidenciados ou justapostos com os econômicos. E por fim teríamos o nível macro, que pode ser entendido como regional, já que os fatores econômicos estariam mais evidenciados que os sociais e culturais, pois este nível envolveria as questões de tempo, distâncias e energia despendida para exploração do meio ambiente. Os níveis por sua vez, constituiriam estruturalmente o sítio e seriam capazes de remeter à descrição da produção das atividades humanas intencionais realizadas, reunindo formas estruturais, áreas de atividades e artefatos, relativos aos locais específicos nos sítios e no meio.

Assim, o estudo da Arqueologia Espacial é à procura de explicações das regularidades e singularidades espaciais e as formas e funções dos padrões humanos, sendo uma forma de ordenação para compreender o papel adaptativo dos sistemas particulares e do trabalho realizado, como forma de melhor conhecer as causas implícitas das variações espaciais arqueológicas.

A descoberta de padrões de distribuição ou a identificação de tendências e correlações entre as estruturas espaciais compreende informações relevantes para uma tentativa de criação de um modelo interpretativo e explicativo a partir das atividades desenvolvidas no sítio RS-C-71 e, por conseqüência, uma proposta de estruturação espacial para os grupos Guarani pré-histórico na região do lago Guaíba. Portanto, o interesse de utilizar tanto o referencial teórico da Arqueologia Contextual e metodológico da Arqueologia Espacial, perpassa o objetivo máximo deste projeto, que é a análise e interpretação de estruturas em seus diversos níveis, em uma ocupação pré-histórica Guarani, pois conforme coloca Valéria de Assis (2000): “Assim, a partir dessas perspectivas de pesquisa, é possível conceituar análise espacial em Arqueologia como um estudo contextual dos vestígios arqueológicos, procurando evidenciar suas relações e caracterizações espaciais que possibilitem uma interpretação do comportamento sócio-cultural que lhe deu origem no passado”.

## REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Para um melhor entendimento da estruturação do espaço nas aldeias Guarani no sul do Brasil, é relevante uma revisão bibliográfica sobre o tema. Mas, nos deparamos com o grande volume de informações a respeito do assunto. Assim, em vista de um melhor aproveitamento e mesmo das limitações do pesquisador, resolvemos nos deter em alguns “exemplos bibliográficos” que, ao nosso ver, são bastante significativos para o objeto de estudo deste projeto.

Em sua obra *Arqueologia Brasileira*, André Prous (op.cit.), faz um apanhado sobre as pesquisas realizadas na Arqueologia nacional desde o início do séc. XIX até a década de 1980. Nesta obra encontramos algumas referências sobre a organização do espaço de ocupação dos Tupi-guaranis<sup>2</sup>, abordando, primeiramente a questão da disposição dos sítios frente ao imenso espaço de ocupação das tribos Guarani no continente Sul Americano. Prous (op.cit.) aponta como fatores decisivos para a instalação das aldeias “... à proximidade de rios navegáveis, áreas protegidas de agentes climáticos e locais para fácil obtenção de recursos alimentares”. Quanto à estruturação do espaço no interior das aldeias, o autor coloca que, através de algumas pesquisas realizadas, dois fatores podem evidenciar a organização espacial intra-sítio dos grupos Tupi-guarani: as “manchas pretas” e a concentração do material encontrado. “Parece, portanto, que as aldeias têm claramente definidos os espaços residenciais, públicos e cerimoniais, assim como anexos de significado ainda desconhecido”.

Entretanto, encontramos algumas observações contrárias nos escritos de Irmhild Wüst (2000, CD-ROM), quanto à problemática das “manchas pretas” e sua efetiva significação na organização espacial de sítios pré-históricos de grupos horticultores. “Na literatura arqueológica do Centro-Oeste as concentrações cerâmicas, principalmente quando acompanhadas por solos escuros, são geralmente identificadas como unidades residenciais. No entanto, nas aldeias xinguanas o acúmulo do refugo ocorre predominantemente nas áreas atrás das casas (cf., por exemplo, Agostinho (1988))”.

André Prous (op.cit.), segue ainda mais, no que chama de tentativa de uma “descrição pormenorizada” do espaço intra-sítio, apesar de colocar que, devido às poucas informações disponíveis, existe uma constante dificuldade de reconstituir o espaço interno destas antigas áreas de ocupação Tupi-guarani. Assim, temos que estas áreas compreendidas pelas “manchas pretas” poderiam ser ocupadas por choupanas cobertas de folhas, com armação curva e sustentada por postes centrais; quanto a possibilidade de divisão interna, estas podem ser indicadas por estruturas de combustão e concentrações de pigmentação.

Nos textos de Pedro Ignácio Schmitz (1999), como “O Guarani: História e Pré-história”

---

<sup>2</sup> Aqui utilizado este termo “... para seguir uma nomenclatura agora aceita pela quase totalidade dos arqueólogos da América do Sul”, (Prous,op.cit.:370).

encontram-se algumas sínteses sobre a dinâmica da ocupação deste grupo, principalmente nas regiões sul do Brasil. Segundo o autor a divisão interna das casas era estabelecida por fogueiras para preparação dos alimentos, onde ao redor ficavam os utensílios, encostados na parede ou pendurados. Também, havia outras fogueiras do lado de fora para moquear a carne, cozer cerâmica e iluminação.

Sob outro ponto vista, José Luiz de Moraes (1999/2000) em “Arqueologia da Região Sudeste”, contrapõe as colocações de Pedro Ignacio Schmitz, principalmente quanto a efemeridade das ocupações pré-históricas dos Guarani, e sua organização expondo que: “Reitera Schaden que a habitação guarani era uma construção sólida, resistente às intempéries por muitos anos, apesar de ser amarrada com cipós. Fazendo minhas as afirmações deste etnólogo, discordo enfaticamente de Pedro Ignacio Schmitz, que assim trata o mesmo assunto: 'A construção das casas era pobre e o conteúdo também... As aldeias não duravam mais do que alguns anos em um mesmo local porque a palha apodrecia rápido, o piso se enchia de lixo e os terrenos ao redor viravam capoeira imprestável” ( Schmitz , 1999:287-8). É difícil acreditar que os Guaranis, povo que consolidou um expressivo sistema regional de povoamento em tão vasto território, pudessem ter uma organização espacial tão precária em termos de habitação e de *design* de assentamento. Talvez o escrito de Schmitz seja mais adequado a certas situações pós-conquista européia, com os guaranis debandados, fugitivos e espoliados pelo poder colonial português e espanhol “““.

Outro autor que versa sobre a organização do espaço nas aldeias Guarani é Artur Barcelos (2000), em sua obra “Espaço & Arqueologia nas missões jesuíticas: o caso de São João Batista”, onde é estudada a ocupação do espaço nas Missões Jesuíticas, através de uma abordagem espacial e interdisciplinar. Coloca que o espaço ocupado pelo Guarani pré-missionário era organizado e distribuído de forma bastante significativa. “Habitavam casas coletivas, no interior das quais o espaço de cada família era balizado pela presença de redes e de fogueiras. Também as traves de madeira que faziam parte da estrutura das casas e faziam às vezes de divisor invisível. (...) As casas guaranis podiam variar a distribuição interna no comprimento, abrigando diferentes configurações familiares. Em geral, com uma mesma largura, os comprimentos podiam variar para dar lugar a mais famílias, ou haver rearranjos internos, já que não havia paredes a serem removidas”.

Tendo-se como objeto de pesquisa a estruturação do espaço Guarani, é necessário que se busque nas mais diferentes ferramentas o entendimento da organização espacial dos sítios. A etnoarqueologia nos é apresentada pela autora Valéria Assis (1999), no texto intitulado: “Questões etnoarqueológicas para pesquisas em registros arqueológicos Guarani”, onde traz uma discussão sobre o espaço deste grupo sob a perspectiva etnoarqueológica. Para tanto é explorada a

organização dos grupos Mbya-Guarani em sua aldeia, sendo uma das principais referências etnoarqueológicas de grupos remanescentes da cultura Guarani no sul do Brasil. “Ainda sobre a espacialidade, algumas questões podem ser pensadas a partir das observações feitas entre os Mbya. Esta população vive hoje em espaços reduzidos se comparados àqueles relatados nos documentos históricos. Entretanto, quando um grupo consegue ocupar um local minimamente adequado à suas pautas culturais é possível perceber sua forma tradicional de organização espacial (Cf. Garlet, 1997). O espaço da aldeia é constituído de uma área central e de núcleos de casas distribuídas em raios de aproximadamente 3 km da área central. Os núcleos de casas, como a denominação já indica, é composto de um conjunto de três ou quatro casas com um pátio entre elas. Há situações em que se encontra apenas uma casa. As casas são pequenas, medindo em média 12 m<sup>2</sup> e são utilizadas geralmente para guardar os objetos da família e para dormir; as demais atividades são realizadas no pátio. A área central da aldeia também é composta de casas e se diferencia dos demais núcleos por possuir uma casa de reza, denominada *opy*.”

Mas é na obra de Francisco Noelli (1993), “Sem Tekohá não há Tekó (Em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do rio Jacuí-RS)”, que vamos encontrar um dos mais extensos e representativos trabalhos sobre a espacialidade, territorialidade e subsistência Guarani, utilizando tanto dados etnográficos, biológicos e arqueológicos. Em seu segundo capítulo o autor faz o que seria “... propiciar um referencial mínimo para o desenvolvimento orientado de futuros trabalhos de escavação, que visem à abordagem contextual do que será procurado e encontrado nas estruturas arqueológicas”. Assim sendo, realizada uma relação de estruturas de habitação, combustão, anexas, funerárias e paliçadas, utilizando concomitantemente informações arqueológicas, etnológicas e lingüísticas. Noelli apresenta uma reconstituição dedutiva das estruturas arqueológicas, a partir das informações fragmentárias obtidas na bibliografia arqueológica Guarani. “A escassez de informações sobre as áreas horizontais na arqueologia Guarani é crônica, justificando então a abordagem desenvolvida neste capítulo. Como já foi discutido, em 120 anos de pesquisas muito pouco foi escavado e a pesquisa foi dirigida à tipologia cerâmica e à difusão. Neste longo período de trabalho basicamente foram feitas coletas de superfície ou sondagens, em mais de 1.200 sítios no Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai”.

Através de uma abordagem bibliográfica, André Soares (1997), em sua obra “Guarani: Organização social e arqueologia”, busca demonstrar as influências do parentesco na reconstituição da organização social entre os Guarani. Utilizando fontes arqueológicas, históricas e antropológicas, o autor propõe “um modelo a ser aplicado na orientação de escavações arqueológicas para que se possam extrair informações a respeito da organização social e política desta sociedade”. Assim,



Soares compõe sua obra tratando da continuidade social dos grupos Guarani, suas relações de parentesco e implicações para uma arqueologia social, enumerando elementos da organização social e relações sócio-políticas.

Portanto, com esta breve passagem sobre alguns autores que tratam da temática Guarani, pretendemos exemplificar o quanto à estruturação do espaço é ainda um assunto controverso e insuficientemente trabalhado. Partindo tanto de posições divergentes, quanto aos solos antropogênicos ou “manchas pretas”, exemplificados por Prous (op.cit.) e Wüst (op.cit.), como de posições conflitantes a respeito da efemeridade ou solidez das aldeias, protagonizados por Schmitz (op.cit.) e Moraes (op.cit.), tentamos fugir de explicações generalistas e simplificadas, buscando na etnologia e em autores como Assis (op.cit.), Noelli (op.cit.) e Soares (op.cit.), outros elementos para tentar compor a espacialidade Guarani. Constatamos, portanto, o quanto é necessário e complementar uma pesquisa que enfoque a dinâmica espacial dos grupos Guarani, através de relações e interpretações de suas diferentes estruturas espaciais arqueológicas.

## CONCLUSÃO

Os trabalhos realizados no sítio RS-C-71, tiveram um importante papel no estudo dos grupos pré-históricos Guarani. Mas, nem as pesquisas em campo ou o estudo do material resgatado em laboratório, tiveram como principal objetivo a identificação da estrutura espacial na área pesquisada do sítio. Assim, os resultados expostos neste texto colocam a parcialidade com a qual o tema foi tratado e a necessidade recorrente de uma abordagem mais aprofundada sob a temática espacial, já que o sítio da Ilha Francisco Manoel apresenta vários fatores significativos, tanto preservados como diversificados, para o estudo das relações espaciais em um assentamento Guarani pré-histórico.

Quanto aos trabalhos de campo, as escavações evidenciaram, a 40 cm de profundidade, uma estrutura de combustão composta por uma parede circular de pedras com 1m de diâmetro, tendo no seu interior uma concentração de sedimentos e carvão datado pelo método de C14 em  $610 \pm 50$  BP<sup>3</sup>. Outra concentração significativa evidenciada no sítio foi uma estrutura de depósito, composta por uma camada orgânica de aproximadamente 60 cm de profundidade, onde havia grande concentração de material cerâmico, lítico e ósseo. As duas estruturas apresentadas apontam, através dos seus testemunhos bem preservados, a existência no sítio de zonas onde, possivelmente, ocorreriam atividades específicas que poderiam ser mais bem identificadas através de um estudo detalhado e objetivo do material correspondente.

As pesquisas em laboratório de mais de 4500 peças cerâmicas e de 335 peças líticas,

resultaram na identificação e caracterização das indústrias quanto a sua composição e particularidades. Mas, quanto à problemática espacial, somente alguns fatores puderam ser primeiramente apontados. O material cerâmico apresentou, por exemplo, a ausência de grandes recipientes na área escavada do sítio, como o *Cambuchi Guaçu* utilizado pelos Guarani para armazenar e servir líquidos. Isto possibilita inferir sobre a utilização secundária deste recipiente, como urna funerária em enterramento<sup>4</sup>, em uma localização específica. A análise do material lítico constatou, por sua vez, que a maior parte da matéria-prima utilizada na elaboração dos instrumentos como a ágata, o arenito e o basalto provêm de locais externos à região do lago Guaíba. Para a exploração destes recursos era necessário, portanto, um deslocamento por parte dos habitantes da Ilha de aproximadamente 100 Km até as fontes de matéria-prima, localizadas na parte norte do Estado. Quanto aos restos faunísticos, que ainda não foram devidamente analisados, podem oferecer, além de indicadores sobre a dieta do grupo, elementos para compor a organização espacial do sítio. Pois, na análise parcial realizada no laboratório, não foram identificados restos de peixes ou moluscos, apesar dos enormes recursos oferecidos pelo lago Guaíba, o que indica uma possível forma diferenciada de descarte destes recursos, em outra zona ainda não evidenciada no sítio.

Desta forma, tanto as pesquisas em campo como em laboratório, apresentam vários indicadores quanto à organização espacial do sítio, como a existência de estruturas e zonas específicas e a correlação do material com sua dinâmica espacial. Mas se faz ainda necessário no sítio RS-C-71, um estudo aprofundado sobre a estruturação do espaço, já que as informações obtidas são parciais e não tiveram como objetivo a identificação da dinâmica espacial relacionando microestruturas, estruturas médias e macroestruturas.

Outro fator importante é a possibilidade de confrontação dos dados adquiridos no sítio RS-C-71, com outros trabalhos realizados sobre assentamentos Guarani na região do lago Guaíba. Como exemplo de pesquisas, podemos citar tanto a escavação realizada pelo arqueólogo Eurico Miler e equipe (Silva, 1991) em Itapuã no Município de Viamão, como a escavação efetuada pelo Prof. Dr. Klaus Hilbert (1999), em Santa Rita no Município de Guaíba. Estas pesquisas oferecem para comparação não só os materiais recolhidos nos sítios, mas também, elementos espaciais que podem ser confrontados com outras pesquisas, como é o caso da Ilha Francisco Manoel.

Assim, além destes sítios já pesquisados, a existência de outras ocupações Guarani na Ponta do Arado, Lami e na Ponta Grossa, ainda não investigada, oferece um potencial enorme para o

---

3BETA-142779

<sup>4</sup>“ Estas talhas seriam utilizadas para preparar e servir bebidas fermentadas alcoólicas (CAGUY), porém algumas serviriam também para carregar e armazenar água. Constituem a maior parte das coleções de vasilhas inteiras de cerâmica Guarani e sua preservação se deve ao fato de terem sido enterradas contendo sepultamentos primários ou secundários; (...) Esta função seria porém secundária em relação a de conter líquidos, principalmente *Cãguŷ*, para a qual teriam sido realmente produzidas.” (La Salvia & Brochado, 1989:132)

estabelecimento de relações múltiplas sobre os assentamentos indígenas pré-históricos no sul do Brasil. Portanto, a integração destes dados permitiria tanto uma melhor compreensão dos espaços dos sítios já mencionados, como um entendimento mais aprofundado sobre a organização espacial do Guarani pré-histórico.

A pesquisa realizada em 1999 - 2000 foi um marco inicial no conhecimento sobre o Guarani pré-histórico em Porto Alegre, e a presente proposta visa contribuir para a discussão sobre a organização e estruturação do seu espaço na aldeia. A importância deste estudo vai além de uma simples publicação ou comparativo etnográfico. É a investigação direta e necessária de um tema que permeia o conhecimento a respeito deste grupo. É à busca de informações e, não só isso, a geração e difusão de novas informações com o aprofundamento de um tema extremamente relevante para o conhecimento pré-histórico.

Este projeto insere-se em uma perspectiva mais ampla, de acréscimo às informações sobre a pré-história do município de Porto Alegre e na busca de um entendimento particular sobre a dinâmica de um assentamento Guarani. Congrega esforços interdisciplinares da História, Geografia, Antropologia, e Arqueologia quanto ao estudo da cultura material e organização espacial correspondente a um dos principais grupos étnicos de formação da população rio-grandense e brasileira. Assim o projeto tem o interesse de apontar novas perspectivas sobre o tema proposto, trabalhando concomitantemente vários fatores no aprofundamento do conhecimento sobre a nossa pré-história.

#### REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

ASSIS, Valéria S. de. *Questões etnoarqueológicas para pesquisas em registros arqueológicos Guarani*, Revista do Cepa. Vol. 23, n.29 (jan./jun. 1999.), Santa Cruz do Sul, Editora da UNISC, 1999.

ASSIS, Valéria S. de. *Algumas Possibilidades de Análise Espacial em Testemunhos Arqueológicos de Grupos Agricultores-Ceramistas*, In: MENDONÇA DE SOUZA, Sheila Maria Ferras (Org.) *Anais do IX Congresso de Arqueologia Brasileira*, CD ROM 1ª ed., Rio de Janeiro, Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2000.

BARCELOS, Artur H. F. *Espaço & Arqueologia nas missões jesuíticas: o caso de São João Batista*, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2000.

CLARKE, David L. *Spatial Archaeology*, London, Academic Press, 1977.

GAULIER, Patricia. *Relatório Técnico Projeto: Os Assentamentos Guarani Pré-Históricos no município de Porto Alegre*, PMPA SMC MJF, Porto Alegre, 2000.

HILBERT, Klaus. *Arqueologia Guarani na região de Guaíba – RS*. In: *Resumos da X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. p.133, Recife,1999.

LA SALVIA, F. BROCHADO, J. P. *Cerâmica Guarani por Fernando La Salvia e José Proença Brochado*. Porto Alegre, Posenato Arte e Cultura, 1989, 2ª Edição.

LEROI-GOURHAN, André (et al.). *Pré-História*, São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1981.

MORAIS, José Luiz de. *Arqueologia da Região Sudeste*, Revista USP, São Paulo, n. 44, p.194-217, dezembro/fevereiro 1999-2000.

NOELLI, Francisco Silva. *Sem Tekohá não há Tekó (Em Busca de um Modelo Etnoarqueológico da Aldeia e da Subsistência Guarani e sua Aplicação a uma área de Domínio no Delta do Rio Jacuí – RS)*, Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre, 1993.

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1992.

SCHMITZ, Pedro I. *O Guarani: História e Pré-História*, In: TENÓRIO, Maria Cristina (org.). *Pré-História da Terra Barsilis*, Rio de Janeiro, Edit. UFRJ, 1999.

SILVA, Sérgio B. et al., *Morro da Fortaleza: estudo de um assentamento Umbu e Tupiguarani*, Relatório ao CNPq, 1991.

SOARES, André Luis R. *Guarani: organização social e arqueologia*, Porto Alegre, EDIPUCRS, 1997.

TOCCHETTO, Fernanda. B.CAPPELLETTI, Angela M. *Intervenções Arqueológicas em Porto Alegre e o Exemplo de Dois Sítios Históricos na Área Central da Cidade, RS, Brasil*, In: KERN, Arno A. (org.), *Anais da VIII Reunião Científica da SAB – Sociedade de Arqueologia Brasileira*, p. 381-392, EDIPUCRS, Porto Alegre, 1996.

WÜST, Irmhild. *Implicações teóricas e práticas da análise Espacial Intra-Sítio no estudo das sociedades ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste Brasileiro*. In: MENDONÇA DE SOUZA, Sheila Maria Ferras (Org.) *Anais do IX Congresso de Arqueologia Brasileira*, CD ROM 1ª ed., Rio de Janeiro, Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2000.